

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15453 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 5ª Reunião Científica Regional da ANPEd Norte (2024)

ISSN: 2595-7945

GT25 – Educação e Povos Indígenas

## A INTERCURALIDADE DO OLHAR XAMÂNICO DE KURIANO YAI: MEMÓRIAS DE UMA SABEDORIA TUKANO

Jussara Garcez Barreto - UEA-PPGED- Universidade do Estado do Amazonas

### RESUMO

A questão em estudo são as memórias da sabedoria tukano de Mandu Kuriano, tendo sido este um detentor das faculdades excepcionais tukano, enquanto *yai*, *kumu* e *baya*, descrita pelo seu neto Rivelino Barreto, hoje antropólogo, em forma de uma educação indígena fundamentada de uma convivência entre uma criança e um especialista xamã. Com base a isso, destaca-se para a compreensão da epistemologia tukano e os modelos específicos e diferenciados da educação indígena na sua pluralidade. Isso porque a diversidade educacional dos povos originários se manifesta de acordo com a diversidade cultural, linguística e étnica, diversidade geográfica e territorialidade. Assim como é fundamental o debate sobre a presença educativa dos especialistas das faculdades excepcionais tukano, buscando assim o entendimento sobre a especialidade da educação indígena presente nas famílias indígenas. Sendo o conteúdo do presente texto como parte de uma pesquisa maior em andamento, por ora entende-se que se tem bons projeções para o debate, diálogo e aprendizado.

**Palavras-chave:** educação tukano, mandu kuriano, especialistas tukano.

### Introdução

A epistemologia do kahapi do povo *Yepa-mahsã*, conhecidos como Tukano, aqui apresentado, parte de uma leitura teórica de Boaventura dos Santos (2008) para quem é preciso decolonizar as epistemologias gregas para pensar a partir daquilo que o mesmo chama de outras epistemologias. Por outro lado, ao que a ciência chama de ayahuasca ou santo daime, autores indígenas antropólogos, apresentam o conceito ora como kahapi ou karpí (BARRETO, 2018, 2022), ora como gaapi (FERNANDES, 2021) e de acordo com o vínculo étnico e linguístico de cada autor. No caso, a escrita kahapi ou karpí está escrito na língua Tukano, enquanto que gaapi está escrito em Língua Desano. Porém, o texto aqui em apresentação tem foco específico na apresenta de uma descrição de conteúdo do diálogo realizado com dois Tukano do sib Yúpuri Sararó Porã (BARRETO, 2018). O objetivo do trabalho é descrever algumas definições teóricas sobre a ayahuasca, tanto do ponto de vista de autores não indígenas quanto de autores indígenas, especialmente com formação antropológica. Isso permite ao texto a apresentação de um diálogo descrito com dois Tukano do sib Yúpuri Sararó Porã, da Aldeia São Domingos Sávio, Distrito de Pari Cachoeira, município de São Gabriel da Cachoeira, que residem na cidade de Manaus/AM, sobre a experiência educacional com o kahapi. Da mesma forma que isto envolve o esforço para o entendimento de uma epistemologia do kahapi, torna-se também um exercício do entendimento da linguagem educativa tukano e suas respectivas metodologias, dimensões, teorias e práticas.

### Método

A pesquisa encontra-se em andamento e a metodologia envolve o estudo bibliográfico envolvendo as áreas da Educação e da Antropologia, com aportes da observação participante, incluindo entrevistas, com vistas ao entendimento da linguagem educativa tukano e sua respectiva teoria, metodologia e prática educacional a ser descrita em um relato etnográfico. Com essa dimensionalidade, e tendo como base a experiência de uma questão particular, a partir do qual se apresenta as considerações gerais, segue-se o método indutivo.

### **Discussão e resultados e conclusões**

Teoricamente ou do ponto de vista da ciência, se ouve falar de ayahuasca, santo daime, das folhas chocronas e cipós, mas para os povos indígenas do Noroeste Amazônico, precisamente dos Tukano e, portanto, falantes da Língua Tukano se trata de kahapi (Barreto, 2018), uma bebida alucinógena, de origem educacional indígena feita a partir da combinação de três elementos naturais: o cipó, a folha e a água. De forma que kahapi não se trata apenas de planta, o cipó, as folhas, mas como um produto intelectual, um produto intermediador para o acesso aos diferentes aspectos de conhecimento. Já no livro Oméro (2018, pg. 29) a origem do Kahpi é descrita como a que “decorre da força dos *kumuã* os quais se relacionam aos elementos vitais que completam o poder de *buhpó*, a *saber*: kumurõ (banco), patu (ipadu), kahpi (bebida alucinógena) e murorõ (tabaco)”. As diferentes versões apresentadas pelos indígenas estão sempre em diálogo diretamente e indiretamente. A partir dessa descrição sobre a formação e a transformação no pensamento *Búbera Põra*, destacamos que alguns conceitos podem conduzir ao discurso mítico do pensamento tukano. Isso diz respeito ao seu modo de ser, viver, relacionar e transformar. Por isso, a bebida envolve uma experiência educativa de saberes, teorias e práticas, baseados no xamanismo com os especialistas das faculdades excepcionais tukano que são os detentores do conhecimento (BARRETO, 2022). E tudo isso se refere a uma episteme de conhecimentos, a qual compreende a metodologia e o conteúdo de pesquisa, mediados por uma planta transformada em bebida cujo líquido é consumido pelos indígenas, dentre os quais Tukano. Segundo Barreto (2018), a origem do kahapi está relacionada ao nascimento do Khapé Nihi, o pai da ayahuasca. Isto é, a história de Khapé Nihi, não só apresenta uma história do nascimento de uma criança, mas, sim, o nascimento de uma epistemologia, a do kahapi. Por outro lado, em um mundo ocidentalizado, insuflado pelo racismo e colonialidade, a epistemologia dominante é desenvolvida como um fator para considerar se o conhecimento é verdadeiro ou não. Desse ponto de vista, percebe-se que a racionalidade científica como modelo único, reconhecido institucionalmente ou sistematicamente em termos acadêmicos, leva a diferentes formas de debates acerca da ideia, isto é, até que ponto existem vantagens e desvantagens do modelo de uma racionalidade científica em relação ou ao encontro de outros tipos de conhecimento. Isso, porque, em nossos tempos outros tipos de conhecimento exigem um diálogo ou uma abertura para seus princípios epistemológicos, para o que se é pensado fora do sistema institucionalizado de uma racionalidade científica. Sobre isso, Santos observa que, o modelo de racionalidade que geriu a ciência moderna no século XVI, conseqüentemente é apresentado no século XIX, foi estabelecida nos domínios das ciências naturais e ampliada para as ciências sociais. Dessa

forma, é que Santos, descreve o modelo global de racionalidade científica, e como este modelo é dominador, uma vez que nega o caráter racional a todas as outras formas de conhecimento. E, para compreender aquilo que chama de confiança epistemológica, afirma que “os protagonistas do novo paradigma conduzem uma luta apaixonada contra todas as formas de dogmatismo e de autoridade” (SANTOS, 2008, pg. 23-25).

### Referências

BARRETO, João Paulo; AZEVEDO, Dagoberto Lima; MAIA, Gabriel Sodré; SANTOS, Gilton Mendes dos; DIAS JR, Carlos Machado; BELO, Ernesto; BARRETO, João Rivelino Rezende; FRANÇA, Lorena. **Omerô: constituição e circulação de conhecimentos yepamahsã** (Tukano). Manaus: Núcleo de Estudos da Amazônia Indígena (NEAI)/Universidade Federal do Amazonas/EDUA, 2018.

BARRETO, João Rivelino Rezende. **Formação e transformação de coletivos indígenas do noroeste amazônico: do mito à sociologia das comunidades**. Manaus: EDUA, 2018.

BARRETO, João Rivelino Rezende. **Úkÿsse: formas de conhecimento nas artes do diálogo tukano**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2022. *E-book*

FERNANDES, Jaime Moura. **Gaapi Elemento fundamental de acesso aos conhecimentos sobre esse mundo e outros mundos : fundamental de acesso aos conhecimentos sobre esse mundo e outros mundos**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Amazonas, 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa (1989), **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal.

\_\_\_\_\_. (2008), **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez. [5ª ed.]

\_\_\_\_\_. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes”, in Boaventura de Sousa Santos e Maria Paula Meneses (orgs.), **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009.